

TAVARES DE MIRANDA, Maria do Carmo
Aventura humana. Recife: Comunicarte, 1996.

O livro está dividido em quatro partes:

Na primeira parte: **Filosofia e técnica**: a autora faz uma reflexão sobre as técnicas científicas que desde os anos 50, vêm sofrendo mudanças não só quantitativas, mas também qualitativas. Segundo a autora, isso altera o comportamento humano, o pensar, o agir. "O que ocorre a rigor é uma revolução tecnológica invadindo os meios de comunicação, e mais do que isso, são revoluções de mentalidade científica e cultural, social e política, dimensionando o próprio pensar do homem, indicando novas temáticas que devem ser levadas à reflexão, do mesmo modo que abrem novos espaços e tempos como campos à ação humana, considerada não só individualmente mas coletivamente e universalmente" (p. 9).

O desenvolvimento técnico científico exige que o homem se adeque a cada nova situação criada pelo próprio desenvolvimento. Daí fazer-se necessário uma reflexão sobre tal desenvolvimento, seus riscos e suas conseqüências para a racionalidade humana. A globalização das atividades humanas visa quais resultados?

O homem a cada dia busca confirmar seu logos, para criar, transformar, discursar, persuadir. Como então se comportará diante de situações que mudam sua condição humana, seu poder de tomar decisões; alterações que transformam a realidade? E Tavares de Miranda diz que é necessário não esquecermos que o homem tem capacidade para usar o conhecimento que dispõe de forma intencional e no tempo planejado.

O progresso técnico e o desenvolvimento tecnológico, a era da mecânica e da informática estão revolucionando o pensar e o agir humanos no mundo.

Esse novo homem da ciência, tem maior "autonomia da razão, o homem operador que se auto-libera pela razão, que é fundador do método científico e iniciador do progresso técnico" (p. 11). Pode ser representado pela figura de Prometeu, como este é Visto por F. Bacon: um símbolo da inteligência e da liberdade de preconceitos; ou como por Giordano Bruno: que ri dos dogmas e das proibições; ou ainda como o Prometeu libertado de Shelley, dotado de uma imaginação criadora: um símbolo de ultrapassamento de limites próprios e dos que lhe são impostos .

Tavares de Miranda trabalha a ambivalência da condição humana em dois sentidos: se de um lado o homem tem capacidade para solucionar cada vez mais e melhor os problemas, por outro lado, limitá-los tão eficientemente pode distanciar o homem das tradições culturais, familiares. A autora chama a atenção para o que considera essencial: é necessário fazer refletir o homem sobre o processo que o leva ao "Vir-a-ser" e ao "desejo de ser-sempre-mais" (p. 13).É necessário Valorizar o homem não só como um ser racional capaz de calcular e tomar decisões, mas como um ser em exercício reflexivo, que criticamente é capaz de avaliar as transformações que ocorreram e estão ocorrendo no mundo. Cabe ao homem refletir sobre sua condição humana para si e para o mundo.

Na segunda parte - **Sinais do espaço de tempo do homem**: Tavares de Miranda diz que para a reflexão sobre a condição humana, é necessário levar em consideração uma ontologia do espaço e do tempo, uma reflexão sobre as possibilidades e a transcendência da condição humana: "vivendo nesta época tecnológica, na qual a razão produtora ultrapassa todas as coisas e desafia as tradições, é preciso que o homem possa refletir sobre sua própria condição humana, sua finitude, seu ser espacial e temporal, para descobrir raízes e fontes de seu ser" (p. 28). É necessário Vencer dificuldades e empecilhos, superar a própria condição humana, evitar o enfraquecimento e o aniquilamento da mesma.

Refletir sobre a temporalidade humana é estar no exercício de liberdade, é ser responsável por "um por-vir", fruto desse presente,

é estar aberto para horizontes novos e possíveis: "O inquietante homem, combatente do seu próprio viver, deve dispor-se a lutar por um novo, portanto, saber-habitar do homem a si mesmo como exercício-experiência que manifesta o que ele é, e que se realiza etapa por etapa de sua existência na abertura de espaços de tempo que redimensionem um novo mundo além horizonte" (p. 34). As decisões humanas devem ser tomadas através do "saber-ver, do saber-ouvir, do saber-fazer, do poder-fazer, do dever-fazer" (p. 35). Decidir levando em consideração as possibilidades do ser, a favor do amor pela unicidade e possibilidades da Vida e de todas as coisas que compartilham da aventura humana.

Na terceira parte: **Três delineadores dos novos tempos: Gaston Bachelard, Gabriel Marcel e Martin Heidegger**, a autora busca através desses autores concluir a reflexão sobre a condição humana, chamando a atenção para a insistência com que esses autores abordaram essa questão, seu tempo e os novos horizontes vislumbrados.

Em plena era das imagens e informes científicos, era de mudanças na condição humana e da funcionalidade das coisas, do espaço criado pela técnica e sua essência, como esses autores pensaram essas questões?

Da obra de Gaston Bachelard, Tavares de Miranda, traz reflexões do campo ético-poético, que se constitui, segundo a autora, como uma unidade, onde predomina a Valorização da condição humana captada através das diversas imagens poéticas, como Empédocles, Fênix, colocando a condição humana como um incessante processo: o nascer, o morrer e o renascer - o conhecer-se, o exercitar-se e o operar numa perspectiva de Vida humana que não apenas coloca o homem como "um ser de calculabilidade" (p. 44), mas como um ser que busca a superação humana, ser mais que um homem, ser um "super-homem", que abraça seu destino para superá-lo, transcendê-lo.

Da obra de Gabriel Marcel, a autora traz reflexões que apontam para uma visão do amor e da esperança, que segundo a autora é semelhante ao método empregado por Santo Agostinho. Segundo Tavares de Miranda, Gabriel Marcel, amorosamente convida os homens

a refletirem sobre o crescimento das diversas técnicas e "das mudanças introduzidas no dia-a-dia na Vida humana" (p. 45). O homem que reflete sobre sua condição humana e a de seus semelhantes, busca através da esperança se abrir à "memória do futuro" (p. 49), e com fidelidade constrói o seu próprio futuro, o seu vir a ser si mesmo.

Da obra de Martin Heidegger, Tavares de Miranda traz reflexões sobre a questão do ser. Para Martin Heidegger, não é a busca do mais que humano - um Prometeu - que deve ser explorada, mas a busca do humano, o ser que deve ser desvelado - homem e mundo são reveladores.

Na era da técnica, não se leva em consideração o sujeito humano, nem a intimidade, nem a reflexão sobre as situações e as coisas que rodeiam o homem. A globalização de opiniões, a organização técnica, a produtividade e o planejamento técnico só levam a "uma habitual indiferença e insensibilidade" (p. 57). Essa situação faz surgir um homem desenraizado do seu próprio ser. Cabe ao homem avaliar as condições técnicas às quais é submetido, aceitá-las ou descartá-las, se resguardar, tendo o cuidado de não se distanciar do seu ser. E segundo Tavares de Miranda, para Martin Heidegger, os homens que escutam o apelo do seu ser, são os que projetam seu olhar em todas as direções, "correspondendo em sua essência ao apelo do olhar do ser, indo ao seu encontro, auto-projetando-se a um poder-ser que guarda encontro com o homem" (p. 59).

Na quarta parte, Tavares de Miranda, encerra sua excelente reflexão, com um **Anexo**, no qual com sinceridade e sabedoria nos conta seu encontro com a filosofia, com Martin Heidegger. O fio condutor nesse livro é a reflexão sobre a condição humana, e a autora finaliza a obra com uma declaração de dedicação e aprendizado do amor à sabedoria. Tavares de Miranda deixa registrada uma lição humana para os que se dedicam à filosofia, tanto pelo depoimento sincero, como pelo excelente conteúdo desse livro.

Luzia B. Oliveira Silva
Mestrando em Filosofia - PUCSP